

## Ficha de Avaliação de Livro

<b>Título:</b> Teoria da Mediunidade
<b>Subtítulo:</b> -
<b>Autor(es):</b> Zalmir Zimmermann
<b>Edição/Ano:</b> 1ª / 2011
<b>Editora:</b> Allan Kardec (CEAK, Campinas)
<b>Psicográfico:</b> ( ) Sim ( X ) Não

### Comentários gerais

*Teoria da Mediunidade* (TM) é uma obra dedicada à catalogação e análise das ocorrências ditas mediúnicas. Ela contém um número enorme de informações a respeito da mediunidade, pesquisas e explicações dadas por diversos autores, distintos de Kardec. Após apresentar um histórico sobre o tema, o Autor descreve as definições e enumera os diversos tipos de mediunidade estudados por Kardec e outros estudiosos. Há, também, diversas propostas de definições do próprio Autor, embora isso não esteja explicitamente esclarecido no livro.

Em minha opinião, a obra, no geral, é valiosa pelas informações contidas. Porém, são questionáveis algumas análises científicas (ou a falta delas); a exposição de observações doutrinárias de natureza pessoal, isto é, sem respaldo na própria Doutrina Espírita (e o Autor não forneceu referências); há modalidades de fenômenos propostas como mediúnicas que não se classificam perante a Doutrina Espírita (ou são interpretáveis em termos de outras definições espíritas); há propostas de terminologia e significados diferentes do que foi proposto por Kardec ou os Espíritos mas que estão apresentados de uma forma que fazem supor que sejam da Doutrina. A obra, infelizmente, pelo seu tamanho, cita muito pouco a Doutrina Espírita para explicar os fenômenos mediúnicos. Uma impressão que fica ao Leitor é que a terminologia e definições da própria Doutrina Espírita seriam ou estariam ultrapassadas já que o Autor as utiliza muito pouco e apresenta e usa suas próprias definições. Os conceitos e condições fundamentais para a existência dos fenômenos mediúnicos, segundo o Espiritismo, não são abordados e, em alguns pontos, citações de obras como André Luiz são feitas sem menção ao Espiritismo (por exemplo, há uma citação de André Luiz que é o contrário do que Erasto afirma no *Livro dos Médiuns* – ver item 8 da seção III adiante). O Espiritismo merecia ter mais destaque e valor nessa obra.

O Autor merece o nosso maior respeito por sua dedicação ao estudo e trabalho no Espiritismo e no bem. Assim a análise crítica apresentada aqui deve ser entendida apenas e estritamente ao conceito da obra TM e não seu Autor.

A análise detalhada apresentada a seguir está dividida em seções. Na seção I, destaquei os pontos fortes e positivos da obra (elogios ao que a obra tem de melhor segundo a minha avaliação pessoal). Nas seções II, III e IV, eu apresento as análises críticas tanto doutrinárias quanto científicas. Na seção II, listei pontos **doutrinários** que considerei de *menor importância*, isto é, que não comprometem nem questionam os conceitos espíritas fundamentais, e não abrem brechas à introdução de práticas indesejadas no movimento espírita. Na seção III, listei pontos **doutrinários** que considerei de *maior importância*, isto é, que estão em conflito ou contradição direta com afirmações de Kardec ou dos Espíritos, ou podem induzir a aceitação de conceitos ou práticas incoerentes com o Espiritismo. A seção IV apresenta críticas de natureza científica apenas, isto é, que estão errados, ultrapassados, ou não servem de comprovações científicas para os

conceitos espíritas mencionados. Por fim, na seção V apresento alguns erros de digitação. Cada ponto ou questão está numerado dentro de cada seção, para facilitar referências que são feitas de um ponto a outro ao longo do texto.

Algumas abreviações são utilizadas nessa análise: TM (*Teoria da Mediunidade*); LE (*Livro dos Espíritos*); LM (*Livro dos Médiuns*); OP (*Obras Póstumas*); QE (*O Que É o Espiritismo*); ESE (*Evangelho Segundo o Espiritismo*); GE (*A Gênese*).

**Coerência doutrinária do conteúdo com as obras fundamentais de Allan Kardec:**

(  ) Integral (  ) Parcial (  ) Nenhuma (  ) Não aplicável

(Analisar com base em Kardec o alinhamento doutrinário do conteúdo, identificando os tópicos que justificam a identificação integral/parcial/nenhuma/n.a.

**Avaliador: Alexandre Fontes da Fonseca    Cidade: Campinas Data: 28 / 03 / 2023**

## I. Pontos fortes e positivos

1. Na Introdução de TM (pág. 19) é dito “*Esclarece a Doutrina Espírita que a essência humana é imaterial, que o ser humano é, substancialmente, uma alma, extraordinário complexo psíquico em evolução, matriz e sede de toda a atividade mental; ...*” Dizer que a alma é “matriz e sede de toda a atividade mental” é importante, correto e de acordo com o Espiritismo pois que sendo a alma o princípio inteligente individualizado, como o nome diz, a atividade mental que decorre da inteligência é um atributo do princípio inteligente e não do princípio material (ver questão 24 do LE).

2. O capítulo IV intitulado “Transe”, é bom e contém informações bastante úteis e instrutivas.

3. No cap. V, “Intuição”, dentro da seção “Intuição e telepatia”, dentre as páginas 107 e 108, o Autor menciona hipóteses científicas de que o processo de transmissão de pensamento se dá através de ondas eletromagnéticas. O Autor cita André Luiz e Jorge Andréa, autores espíritas que propõem ideias nesse sentido. Esse ponto em si é bastante questionável e cientificamente incorreto. Entretanto, é digno de nota e elogio, a análise apresentada pelo Autor das consequências da ideia de que os pensamentos seriam de natureza eletromagnética. Ele diz na pág. 108: “*Essas e outras posições traduzem, sem dúvida, louváveis tentativas de explicar o fenômeno telepático, todavia, como acentua Karl Goldstein, a hipótese eletromagnética, embora simples, envolve considerável número de problemas.*” Comentário correto bem como o conteúdo das páginas de 110 a 113, nas quais o Autor cita explicações e experimentos que comprovam que a transmissão de pensamento não pode ser de forma eletromagnética.

4. No cap. VI, intitulado “Vidência”, o Autor faz um simples, porém muito feliz comentário na pág. 145: “*Buchanan, contemporâneo, admirador e defensor sistemático das Irmãs Fox, reuniu seus trabalhos no ..., obra fundamental para o estudo desse interessante fenômeno, que, na realidade, só poderia ser bem entendido à luz do Espiritismo.*” Essa é uma das poucas partes em que o Espiritismo é apresentado como a doutrina ou **teoria capaz de oferecer explicação aos fenômenos espíritas em geral.**

5. No cap. VIII, intitulado “Psicofonia”, o Autor faz bons comentários sobre a mediunidade que merecem destaque. Um desses comentários foi feito em nota de rodapé a respeito da expressão “incorporação”. O Autor destaca que Kardec nunca empregou esse termo. Outro comentário consiste do primeiro parágrafo da pág. 214. Muito bons comentários que merecem destaque e elogio.

6. No cap. IX, intitulado “Psicografia”, o Autor em nota de rodapé na pág. 220 faz uma importantíssima citação de Yvone Pereira do Amaral que disse: “*para que a palavra dos Espíritos chegue pura e de boa qualidade, a necessidade do médium moralizar-se, elevar-se espiritualmente, fazer-se humilde, reconhecer as próprias fraquezas e jamais se considerar excelente ou indispensável, além do dever de exercer o bem em toda a parte.*”

7. O capítulo XXXIV, sobre Levitação, possui boas e interessantes ilustrações.

8. A segunda parte do livro TM contém três capítulos intitulados “Desenvolvimento Mediúnico”, “No serviço mediúnico”, e “Ocorrências negativas”. Em minha opinião, com correções em alguns pontos que enumero nas seções seguintes, essa segunda parte é **tão boa** que se eu pudesse, sugeriria a Editora torna-la um livro separado. Os pontos que, em minha opinião, necessitam de correções são: itens **13, 14 e 15** da seção II e item **12** da seção III.

## II. Questões doutrinárias de menor importância

1. Na Introdução de TM, é dito na pág. 19: “*Ensina [a Doutrina Espírita] que a alma projeta um envoltório fluídico ...*”. A escolha da palavra “projeta” me parece ser do Autor. Não tenho conhecimento desse tipo de interpretação na obra de Kardec. Na questão 93 do LE, por exemplo, os Espíritos dizem “*O Espírito está envolvido por uma substância que é vaporosa para ti,...*” Não dizem que a alma projeta a “*substância vaporosa*”. No item 14 do Capítulo II de QE, Kardec diz “*A união da alma, do perispírito e do corpo material constitui o *homem*; a alma e o perispírito separados do corpo constituem o ser chamado *Espírito**” (grifos em itálico, originais). Vê-se dessas duas citações que o conceito de “envoltório fluídico” é de algo que está sempre presente com a alma (encarnada ou não), mas que a alma não a produz de si. O verbo “projetar” usado na questão sublinhada da obra TM, pode ter significados diversos como, por exemplo, externar ou gerar a partir de si, isto é, tem sentido de causar uma impressão de si próprio em uma região fora de si. Por exemplo, uma sombra pode ser entendida como uma projeção da obstrução da luz de um objeto em frente a uma fonte luminosa. Uma imagem na TV ou na parede é a projeção de raios luminosos que incidem sobre a superfície da tela ou parede. Ensinam os Espíritos na questão 94 do LE que o Espírito tira o seu envoltório semimaterial “*Do fluido universal de cada globo*”, **portanto não projeta de si**. Se projetasse de si mesmo o seu envoltório, os Espíritos também não diriam que “*É por isso que ele [o envoltório fluídico] não é o mesmo em todos os mundos. Passando de um mundo a outro, o Espírito muda de envoltório, como mudais de roupa.*” Se projetasse de si mesmo, não precisaria se revestir da matéria do globo onde reside, conforme disseram os Espíritos na questão 94a) do LE. Por fim, alma e envoltório são coisas distintas conforme se pode ver das seguintes palavras de Kardec no item 50 do cap. IV da 1ª parte do LM: “*Creemos, não obstante, dever dizer em algumas palavras **no que se funda a opinião dos que consideram a alma e o perispírito como distintos.** Ela se apoia **no ensino dos Espíritos, que jamais variaram a esse respeito.***” (Grifos em negrito, meus). Talvez o Autor não tenha usado essa palavra com essa interpretação, mas não podemos prever o que um Leitor pode interpretar.

2. Na Introdução, pág. 20 de TM é dito “*Esse envoltório, conhecido como corpo da alma, corpo espiritual, ou psicossoma, corresponde – ao menos para os Espíritos ligados à crosta terrestre – a um “campo” projetado pela alma, que, aglutinando a “energia” cósmica matriz (fluido cósmico), adequada à natureza do nosso planeta, surge como uma complexa formação de categoria eletromagnética, de textura definida como material – embora tão sutil, que Kardec e os Espíritos que o orientaram empregaram o termo semimaterial para qualificá-la.*”

Há vários problemas nessa passagem. Embora o Autor faça referência às questões de 93 a 95 do LE, em nenhuma parte dessas questões encontramos qualquer afirmação de que só ou *ao menos* o envoltório dos “Espíritos ligados à crosta terrestre” são projeções feitas pela alma de um “campo”. Nessas questões, os Espíritos dizem que o envoltório é formado pelo fluido universal de cada globo (questão 94 do LE). Logo, isso vale para Espíritos encarnados ou presentes em todos os globos no Universo. Os problemas dessa afirmação na forma como está são: 1) gera-se uma confusão ao usar a palavra “projetar”, conforme comentário 1 da subseção II acima; 2) dizer que só “Espíritos ligados à crosta terrestre” possuiriam um envoltório fluídico está incondizente com o que os Espíritos disseram nas questões de 93 a 95 do LE e em outras partes das obras básicas como, por exemplo, no item 55 de LM (cap. I da 2ª parte): “*Mas, em qualquer de seus [do Espírito] graus, ele está sempre revestido de um invólucro ou perispírito, cuja natureza se eteriza à medida que ele se purifica ...*” Eu acredito que o Autor quis dizer que só os Espíritos ligados à nossa crosta terrena possuem seu envoltório fluídico contendo fluido universal do nosso planeta. Deveria, então, ter dito isso de modo claro e direto.

Outro problema com a passagem acima é afirmar que o envoltório fluídico da alma “surge como uma complexa formação de categoria eletromagnética” Curioso notar que o Autor de TM expõe no capítulo V págs. 109 a 113 uma análise crítica à ideia de que o pensamento se propaga como uma onda eletromagnética (destacamos isso, item 3, como um ponto positivo na seção I). As mesmas críticas feitas pelo Autor no capítulo V de TM valem aqui para a natureza do perispírito. Por exemplo, segundo a Física, ondas eletromagnéticas pode ser aprisionadas em gaiolas ou caixas metálicas (um caminhão baú por exemplo). É por isso, também, que se diz que dentro do carro, as pessoas estão protegidas de raios em dias de tempestade. Logo, dizer que o envoltório fluídico tem propriedades eletromagnéticas, induziria ao erro de se acreditar que se possa prender Espíritos em caixas metálicas. Para ver algumas explicações adicionais sobre os problemas de se considerar o pensamento ou os fluidos como sendo ondas eletromagnéticas, acessem o artigo: *Jornal de Estudos Espíritas* 4, 010201 (2016), Link (acesso gratuito, na página clique em PDF): <https://doi.org/10.22568/jee.v4.artn.010201>

3. No capítulo V, intitulado “Intuição” é dito (pág. 97): “*Intuição é a faculdade de conhecer imediatamente um objeto.*” Qual a referência dessa citação? Essa definição é da área de Psicologia?

4. No cap. V, intitulado “Intuição”, há uma seção sobre “Intuição e telepatia”, onde é dito na pág. 106 que: “Embora a complexidade do tema, pode-se entender, por enquanto, a telepatia, apenas, como *um processo de conexão mental, independentemente de espaço e tempo.*” No parágrafo seguinte diz: “Na verdade, ainda não temos os elementos necessários a uma melhor compreensão da dinâmica desse processo, ...”

Embora a ciência ortodoxa nada pode dizer sobre a telepatia, os elementos necessários para compreender o processo de telepatia são dados de modo claro pelo Espiritismo. Infelizmente, **nenhuma citação de Kardec** é feita nesse capítulo V. O Autor poderia aproveitar o ensejo para citar e valorizar a explicação espírita para o fenômeno de transmissão de pensamento ou telepatia. Por exemplo, poderia citar a questão 282 do LE que diz: “282. *Como os Espíritos se comunicam entre si? R. Eles se vêem e se compreendem. A palavra é material: é o reflexo do Espírito. O fluido universal estabelece entre eles uma comunicação constante; é o veículo da transmissão do pensamento, como, para vós, o ar é o veículo do som; uma espécie de telégrafo universal que*

*liga todos os mundos e permite que os Espíritos se correspondam de um mundo a outro.*” Essa e outras explicações contidas nas obras básicas são lógicas, claras e tem valor científico dentro do contexto paradigmático da Doutrina Espírita.

5. No cap. VI, intitulado “Vidência”, na pág. 131 é dito que Vidência Ativa “É aquela em que o sujeito se desprende perispiriticamente, capta, ativamente, as imagens do mundo espiritual e do mundo físico, que se encontram fora do alcance dos sentidos físicos.” O que significa “desprender-se perispiriticamente”? Seria desdobrar-se? Mas desprender-se perispiriticamente de modo absoluto significaria a morte da pessoa. O que significa “captar ativamente”? Seria escolher o que deseja ver no mundo espiritual? Ou se trata do controle do médium para ativar ou não a vidência? Já que é ativa essa aptidão, seria ela uma capacidade anímica? É incorreto fazer afirmativas sem fundamento doutrinário. Melhor não afirmar.

6. No cap. VI, intitulado “Vidência”, ao falar na pag. 160 da Vidência Psicométrica Precognitiva, o Autor descreve o caso da vidente Nancy Phaneg que, mediante contato com uma joia de uma pessoa, descreve uma visão em que a pessoa estava doente. Na citação é dito que 15 dias depois a pessoa ficou gravemente doente, sugerindo que a médium tivesse feito uma “previsão” do futuro.

Meu questionamento é se a descrição apresentada nas págs. 160 e 161 só pode ser explicada por precognição ou previsão do futuro. Nada impede que a médium, Nancy Phaneg, ao tocar a joia da pessoa, possa se ligar em pensamento à ela, e daí perceber no seu perispírito alguma desarmonia que, eventualmente, pode se transferir para o corpo físico dias depois. Isso não é precognição de doença. É uma percepção de desequilíbrio no perispírito no presente. Logo, esse exemplo não comprova que houve precognição. Essa possibilidade, aliás, é considerada pelo Autor na pág. 535, ao falar sobre o passe: “Na verdade, as manifestações patológicas podem ser percebidas pelos Espíritos Superiores **com bastante antecipação**, até pelas próprias alterações disfuncionais dos centros vitais.” (Grifos em negrito, meus).

Após o caso da vidente Nancy Phaneg, o Autor cita um outro caso na seção Vidência Psicométrica Precognitiva, que parece mais forte no sentido de apontar a possibilidade de precognição. Porém, de novo, não se pode concluir com certeza que não houve, por exemplo, atuação dos bons Espíritos na transmissão da informação para o médium. Portanto, esse item Vidência Psicométrica Precognitiva não pode ser comprovado de fato, pelo menos não com os exemplos apresentados na obra. Teria sido enriquecedor discutir os fenômenos em termos da teoria da presciência dada por Kardec no capítulo XVI da GE.

7. No cap. VI, intitulado “Vidência”, na pág. 167, é apresentado um conceito novo, chamado Retrovidência. É dito que ela “É a visão espiritual de fatos pretéritos.” O Autor, então, cita as visões percebidas pelo médium Francisco Cândido Xavier que durante a recepção das obras mediúnicas de caráter histórico, como os romances de Emmanuel, via os fatos ocorrerem no passado, sob influência do Espírito.

O problema é que o fenômeno não pode ser distinguido da simples visão das lembranças e pensamentos do Espírito desencarnado que lhe transmitia as mensagens. Na verdade, o próprio Autor reconhece essa dificuldade ao dizer na pág. 179 que “um Espírito superior pode projetar determinadas imagens sobre várias mentes...” e que “... diante dessa possibilidade, torna-se, às vezes, difícil discernir a percepção de uma imagem do que esteja realmente ocorrendo na dimensão espiritual, de outras, forjada e projetada por um Espírito desencarnado”. O Autor de TM também cita Emmanuel dizendo sobre a capacidade dos Espíritos mais evoluídos de projetarem imagens para o médium. Na nota 37 da pág. 179, as palavras de Emmanuel são: “Às vezes, apresentam-se ao vidente grandiosas cenas da história do planeta, ..., quadros esses que, na maioria das vezes, constituem os pensamentos materializados das mentes envolvidas que os arquitetam, e que atuam sobre os centros visuais dos sensitivos, ...”. Ou seja, as próprias citações feitas pelo

Autor desmentem e descreditam sua hipótese ou proposta de retrovidência. Assim, esse conceito é meramente uma especulação e não um item de teoria sobre mediunidade.

8. O cap. XVII, intitulado “Cinetologia”, apresenta um conceito que eu não tenho ciência de que tenha sido criado ou usado por algum outro autor. Parece portanto, criação do Autor de TM que deveria ter deixado claro que o termo e seu conceito se tratam de uma proposta pessoal.

Há, também, um problema com essa definição proposta pelo Autor e o significado da palavra “cinetologia”. A definição, dada na pág. 369, é “Processo de comunicação, formando palavras e números através de sucessivos deslocamentos em direção a letras e algarismos, dispostos em círculo, ou não.” Daí, o termo cinetologia ser descrito como sendo do grego *kinetós* “que se move”. Isso faz gerar uma dúvida sobre porquê as mesas girantes não poderiam ser também classificadas como cinetologia, já que elas “se moviam” e podiam fazê-lo em direção a letras ou símbolos? Na minha opinião, esse item de classificação de tipos de “eventos ectoplasmáticos” (ver pág. 346), é desnecessário. Essa criação não torna o tema mais científico.

9. No cap. XXVII, intitulado “Terapia Ectoplásmica”, na pág. 525 é dito que “Realmente, sendo o corpo nada mais que “um turbilhão eletrônico, regido pela consciência”, como leciona Emmanuel, é natural que emita radiações elétricas e magnéticas, de luminosidade variável, perceptíveis pelos videntes e por meio de certos dispositivos eletrônicos.”

A afirmação acima está equivocada pela mistura que faz com a capacidade de percepção de fluidos dos videntes. De fato, o corpo físico emite radiações eletromagnéticas. É bem sabido pela Ciência que todo corpo a temperatura diferente do zero absoluto emite radiações eletromagnéticas. Por exemplo, por causa da temperatura do nosso corpo se manter fixa em torno de 36.5 graus °C, o corpo físico emite constantemente radiação infravermelha, possível de ser vista com óculos especiais.

Porém, o erro da afirmação é de teor espírita. A luminosidade que o turbilhão eletrônico do corpo físico emite não constituiria uma visão espiritual. Como é uma radiação material, ela é perceptível por vias materiais como os tais óculos especiais para ver radiação infravermelha. Nada impede que videntes possam perceber a luz ou radiação material (já que a alma pode ver mais que o encarnado, como é dito na questão 248 do LE), mas isso não significaria nada de especial, pois a mediunidade consiste em ver as coisas do mundo espiritual. Perceber as radiações eletromagnéticas emitidas por uma pessoa não significa perceber os fluidos espirituais emanados pelo perispírito dela.

Já os fluidos espirituais que uma pessoa pode emitir, segundo o Espiritismo, consistem de fluido universal modificado por pensamentos e sentimentos. No capítulo VIII da 2ª parte do LM, Kardec pergunta a São Luís: (a respeito de uma caixa de rapé ou tabaqueira com a qual um Espírito se apresentou a outra pessoa) “Dar-se-á que a matéria inerte se desdobre? Ou que haja no mundo invisível uma matéria essencial, capaz de tomar a forma dos objetos que vemos? Numa palavra, terão estes um *duplo etéreo* no mundo invisível como os homens são nele representados pelos Espíritos? R. Não é assim que as coisas se passam. Sobre os elementos materiais disseminados por todos os pontos do espaço, na vossa atmosfera, **têm os Espíritos um poder** que estais longe de suspeitar. **Podem, pois, eles concentrar à sua vontade esses elementos e dar-lhes a forma aparente** que corresponda à dos objetos materiais.” (grifos em itálico originais, em negrito meus). Assim, da mesma forma como desencarnados criam objetos pela ação do pensamento e a vontade, encarnados também criam com seus pensamentos, fluidos espirituais que podem ser vistos por algum médium vidente.

**10.** No cap. XXVII, intitulado “Terapia Ectoplásmica”, na pág. 540, foi transcrita a afirmação de um pesquisador chamado Durville, por sua vez, citada numa obra, para mim, pouco conhecida, intitulada “O Livro do Médium Curador”, de José V. Lhome (obra datada de 1967). Não me parece uma obra de valor confiável em termos de informação científica ou doutrinária. A afirmação do pesquisador diz respeito à duração dos efeitos da fluidificação da água e objetos. É dito que a fluidificação da água pode durar anos e que objetos sólidos perdem a fluidificação em poucos dias.

Essa afirmação é questionável pelas seguintes razões. No caso da água, por ela ser sensível à emanções fluídicas de encarnados e desencarnados, uma amostra de água que fique guardada por anos, sempre sofrerá a ação dos fluidos das pessoas que vivem no ambiente em que ela esteja guardada. Duas opções: 1) se um visitante com maus pensamentos se aproximar dessa amostra de água fluidificada, ela poderá reter suas emanções e perder sua fluidificação original; 2) não há como garantir que Espíritos desencarnados se aproximar dessa amostra de água e a fluidifiquem novamente, com bons ou maus fluidos. Logo, por essas razões, não se pode garantir que a água possa manter, por si mesma, uma fluidificação por anos.

No caso de objetos sólidos, a afirmação de Durville conflita com o relato da mediunidade de psicometria. Na psicometria, ao se aproximar ou tocar objetos antigos, o médium ou sensitivo consegue captar vibrações das pessoas que os possuíram e tinham por eles grande estima e/ou apego. Logo, é possível que fluidos espirituais permaneçam ligados por anos a objetos sólidos. Isso contraria a citação, e faz pensar que apenas em situações particulares, ela tenha validade.

Como não há pesquisas atuais que possam validar a afirmação de Durville, na dúvida, ela não deveria ter sido apresentada (não há comprovação) ou a teoria espírita deveria ter sido usada para avaliá-la.

**11.** Na pág. 599, falta a citação da obra de André Luiz mencionada no segundo parágrafo.

**12.** O título do cap. XLVII, “Eventos Aleatórios”, na pág. 709, é definido como “Fenômenos ectoplásmicos especialmente raros e, às vezes, únicos, que chegam a surpreender até os mais experimentados pesquisadores.”

Se o ponto forte dessa classificação é a raridade do fenômeno, por que o nome deste capítulo não foi escolhido como “Eventos raros”? A palavra “aleatório” não implica em raridade. Há eventos aleatórios que são frequentes. Por exemplo, chover é um evento aleatório no sentido de que não se pode prever com bastante antecedência que dias irá chover durante um ano. Porém, chover é algo frequente, não raro. Ao jogar um dado várias vezes, podemos obter resultados idênticos, porém a cada nova jogada, o resultado é aleatório, isto é, não depende do resultado da jogada anterior.

**13.** Em nota de rodapé do capítulo II da 2ª parte da obra TM, pág. 772, a radiestesia é mencionada como uma forma de obtenção de receituário mediúnico. Em função do que foi discutido no item **11** da seção **III**, adiante, a menção à radiestesia não deveria ter sido feita.

**14.** No cap. II, da 2ª parte da obra TM, intitulado “No serviço mediúnico”, ao falar do modo de operação na administração do passe, o Autor de TM diz: “Apoiado no pensamento e nos recursos magnéticos e ectoplásmicos do médium, o Espírito condutor procede à expurgação das energias deletérias que impregnam a aura e o perispírito do paciente, ...”

O problema é que a aura não é uma estrutura fluídica distinta do perispírito. A aura é somente a emanção dos pensamentos da alma através do fluido universal modificado por ela. Nas obras básicas e na *Revista Espírita*, Kardec não usou a palavra aura, mas a expressão “atmosfera fluídica” ou “atmosfera individual” e a definiu da seguinte maneira no item 11 do capítulo intitulado “Manifestações dos Espíritos” em OP: “O perispírito não se acha encerrado nos limites do corpo, como numa caixa. Pela sua natureza fluídica, ele é expansível, **irradia para o exterior e forma, em torno do corpo, uma espécie de atmosfera que o pensamento e a força da vontade podem dilatar mais ou menos.** Daí se segue que pessoas há que, sem estarem em contacto corporal, podem achar-se em contacto pelos seus perispíritos e permutar a seu mau grado impressões e, algumas vezes, pensamentos, por meio da intuição.” (Grifos em negrito, meus). A definição acima coincide com o conceito de aura que conhecemos. No item 22 do mesmo capítulo e obra, Kardec diz: “O perispírito das pessoas vivas goza das mesmas propriedades que o dos Espíritos. Como já foi dito, o daquelas não se acha confinado no corpo: **irradia e forma em torno deste uma espécie de atmosfera fluídica.**” (Grifos em negrito, meus.) Aqui Kardec usa a expressão “atmosfera fluídica”. Mais adiante, em OP, no capítulo intitulado “Introdução ao estudo da fotografia e da telegrafia do pensamento”, Kardec diz: “Cada um de nós tem, pois, o seu fluido próprio, que o envolve e acompanha em todos os movimentos, como a atmosfera acompanha cada planeta. **É muito variável a extensão da irradiação dessas atmosferas individuais.** Achando-se o Espírito em estado de absoluto repouso, pode essa irradiação ficar circunscrita nos limites de alguns passos; mas, **atuando a vontade, pode alcançar distâncias infinitas.** A vontade como que dilata o fluido, do mesmo modo que o calor dilata os gases. As diferentes **atmosferas individuais** se entrecruzam e misturam, sem jamais se confundirem, exatamente como as ondas sonoras que se conservam distintas, ...” (grifos em negrito, meus). Aqui, Kardec chama a aura de “atmosferas individuais”.

Portanto, como a aura ou, em termos doutrinários, a atmosfera fluídica é uma irradiação, ela é efeito da ação dos pensamentos e não é algo que possa ser externamente impregnado de alguma coisa. Apenas o perispírito, como uma estrutura fluídica, é capaz de reter ou ser impregnado de fluidos bons ou maus.

15. No cap. III da 2ª parte da obra TM, intitulado “Ocorrências negativas”, na pág. 800 é apresentada a expressão “soldadura perispirítica”. O Autor a define como “É a justaposição do agente ao paciente, de tal forma que os perispíritos parecem se interpenetrar, como a configurar uma quase fusão entre eles.”

Como não há referências, essa expressão é uma proposta do Autor? Isso deveria ficar claro. Além disso, não há exemplos que pudessem servir de base comparativa com os casos de obsessão mais comuns. A proposta deveria ter sido acompanhada de uma análise doutrinária. Como cada Espírito é uma individualização, como relacionar isso à ideia de soldadura perispirítica? Ademais, *o que é causa e o que é efeito* quando se analisa as propriedades dos fluidos, mesmo o que compõem o perispírito? No item 21 do capítulo XIV da GE, Kardec afirma que fluidos de natureza diferente “se repelem”, e que “há uma incompatibilidade entre os bons e os maus fluidos, como entre o óleo e a água.” Assim, se os fluidos de dois seres se juntam a ponto de parecerem fundidos, é que há uma grande afinidade entre eles. Essa afinidade se dá devido à afinidade de pensamentos sejam bons ou maus. Logo, a DE permite inferir que o fenômeno não tem causa do próprio fluido, mas na mente que o controla.

Mas, ainda que se desejasse especular, o correto, pensando em termos de novidades e desenvolvimento do conhecimento espírita, é fazer esse estudo e divulgá-lo **na forma de artigos** e não na forma de livro ou seção de capítulo de livro. Isso pois, como artigo, o mov. espírita poderá debater o assunto antes de considerá-lo como algo certo. O livro espírita é lido pelas pessoas de modo quase “cego”, com pouco ou nenhum critério.



### III. Questões doutrinárias de maior importância

1. No cap. III, “Mediunidade Conceito – Tipos”, na pág. 58, sob o subtítulo “Mediunidade, Hoje” é dito o seguinte: “Destaca-se aqui, uma proposta atual e abrangente, que classifica os tipos básicos de aptidão em: Intuição, Vidência, Audiência, Psicofonia, Psicografia, Psicopictura, Psicomúsica, Desdobramento e Ectoplasmia.”

Embora o Autor tenha citado Kardec como sendo pioneiro na classificação de tipos de mediunidade, ele apresenta uma proposta pessoal de classificação dos tipos de mediunidade nos 9 itens acima como “atual e abrangente”. Essa afirmação, embora simples, na minha opinião, é grave porque podemos questionar em que o Autor se baseia para considerar essa sua sugestão de 9 itens “atual” e “abrangente”? Por que “atual”? Por que “abrangente”? O Autor não faz nenhuma discussão sobre isso Nenhuma justificativa é apresentada. Se isso é opinião do Autor, deveria ter dito “na minha opinião, ...”, ou “proponho que os tipos de mediunidade sejam ...”, e, daí, apresentar boas justificativas para que sua ideia seja considerada em detrimento da proposta de Kardec.

Por outro lado, a proposta de 9 itens do Autor é similar à de Kardec em alguns pontos. No item 159 do Cap. XIV do LM vemos: “Geralmente, os médiuns têm uma aptidão especial para os fenômenos desta, ou daquela ordem, donde resulta que formam tantas variedades, quantas são as espécies de manifestações. As principais são: *a dos médiuns de efeitos físicos; a dos médiuns sensitivos, ou impressionáveis; a dos audientes; a dos falantes, a dos videntes; a dos sonambúlicos; a dos curadores; a dos pneumatógrafos; a dos escreventes, ou psicógrafos.*” Contamos aqui 9 itens também, porém diferentes dos 9 itens proposto pelo Autor de TM. Eu não sou contrário a estudos que possam mostrar que outras formas de classificar a mediunidade podem ser úteis. **Questiono, porém, a falta de justificativas.** Por exemplo, por que o Autor considera a Intuição como uma aptidão se Kardec considera que a mediunidade intuitiva é uma forma de apresentar a comunicação e não um tipo de mediunidade? Veja que Kardec classifica a mediunidade intuitiva como uma forma de expressar um mesmo tipo de mediunidade (escrevente, por exemplo) de acordo com o item 180 do Cap. XV do LM intitulado “Médiuns Escreventes ou Psicógrafos”. Outra questão que podemos fazer é sobre o desdobramento. Isso é uma aptidão mediúnica, ou capacidade anímica de um Espírito encarnado? Kardec quase não usa essa palavra, desdobramento, nas obras básicas (tem uma menção a ela no item 1 do capítulo intitulado “Dos homens duplos e das aparições de pessoas vivas” de OP). Mas, usando outra expressão, o desdobramento é discutido em um capítulo inteiro no LE intitulado “Emancipação da alma” (cap. VIII da parte II do LE, questões 400 em diante), que mostra que o fenômeno vai além de ser uma simples modalidade mediúnica. O desdobramento é uma forma de emancipação da alma que, para alguns tipos de mediunidade, como a sonambúlica, é necessário.

Outro problema é a mudança de terminologia sem explicações. Por que usar o termo “Ectoplasmia” se mediunidade de “efeitos físicos”, como sugerida por Kardec, é um termo bem colocado, claro e objetivo? Enquanto a expressão “efeitos físicos” deixa bem claro o tipo de efeito (sem ambigüidades), a palavra “ectoplasma” pode gerar dúvidas porque é definida de formas diferentes pela Ciência e pela Parapsicologia (a Parapsicologia, embora o esforço e dedicação de pessoas sérias, não é uma Ciência no sentido filosófico do termo, ver por exemplo, o artigo “Uma tradução comentada de “Como a Parapsicologia poderia se tornar uma ciência” de P. Churchland”, de A. Xavier, *Jornal de Estudos Espíritos* 1, 010201 (2013), Link (acesso gratuito, clique em PDF): <https://doi.org/10.22568/jee.v1.artn.010201>. Pelo menos nas obras básicas (pentatêuco + QE e OP), essa palavra não foi usada por Kardec. Kardec emprega o termo “fluido animalizado” para designar a substância que médiuns de efeitos físicos fornecem para a execução do fenômeno. A questão XIV do item 74 do cap. IV da 2ª parte do LM, a expressão “fluido animalizado” é apresentada por São Luís. No item 75 do referido capítulo, Kardec diz: “75. *Estas explicações são claras, categóricas e isentas de ambigüidade.*” Dentro do conhecimento puramente humano a palavra ectoplasma tem vários sentidos como se pode ver através do link [<http://en.wikipedia.org/wiki/Ectoplasm>]. Em Biologia, ectoplasma é uma camada material do citoplasma que é o conjunto de tudo que está contido no interior das células

[[http://pt.wikipedia.org/wiki/Ectoplasma %28citologia%29](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ectoplasma_%28citologia%29)]. Em Parapsicologia, a definição é algo mais de acordo com o que aprendemos dentro do Espiritismo [[http://pt.wikipedia.org/wiki/Ectoplasma %28parapsicologia%29](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ectoplasma_%28parapsicologia%29)]. Questionamos: teria o Autor pensado que o termo “Ectoplasma” traria mais ar científico ao fenômeno mediúnico de efeitos físicos? Se for, isso é um erro filosófico conforme estudiosos espíritas da Filosofia da Ciência. Vejam, por exemplo, o artigo “Ciência Espírita”, publicado na *Revista Internacional de Espiritismo*, março 1991, pp. 45-52, e reproduzido no link: [<http://www.geeu.net.br/artigos/ciespi.html>]. O Espiritismo não precisa de atualizações de sua terminologia. Mudanças de terminologia só ocorrem nas Ciências, depois de muito debate e análise.

A gravidade desse ponto decorre do fato de que toda a obra TM se baseia nessa classificação. Sem justificativas e explicações para não utilizar a classificação de Kardec, não há razões para apresentá-las. O conteúdo do livro se enfraquece como contribuição ao conhecimento.

2. No cap. VI, intitulado “Vidência”, na pág. 171, o Autor de TM apresenta o conceito de Clarividência da seguinte forma: “É, em síntese, a visão do futuro, ...” Em seguida, ao longo das págs. de 171 a 176, desenvolve o tema distinguindo a capacidade de perceber acontecimentos futuros de fatos comuns, de acontecimentos importantes para a Humanidade.

O problema aqui não é o fenômeno em si, mas o **uso de terminologia diferente do que foi empregada por Kardec e os bons Espíritos no Espiritismo**. A palavra “clarividência”, por exemplo, no LE é empregada como a capacidade de um sonâmbulo de perceber coisas distantes (ver questões 428, 429, 430, 432, 435 e 436). Daí, Kardec fala da “dupla vista” nas questões de 447 a 454a). Esta última é importante reproduzir: “454-a *Pode esta faculdade, em alguns casos, dar a presciência das coisas? R. Pode. Também dá os pressentimentos, pois que muitos são os graus em que ela existe, sendo possível que num mesmo indivíduo exista em todos os graus, ou em alguns somente.*” (Grifos em negrito, meus). Então, a dupla vista pode **também** permitir a visão do futuro, mas não é a única coisa que ela permite. Logo, não questiono a possibilidade de pressentir o futuro, mas pelo Espiritismo isso tem outro nome, diferente de clarividência. No cap. XV da 2ª parte do LM, o item 184, que aparece logo após o título “Médiuns de pressentimentos”, diz: “184. **O pressentimento é uma intuição vaga das coisas futuras. Algumas pessoas têm essa faculdade mais ou menos desenvolvida. Pode ser devida a uma espécie de dupla vista, que lhes permite entrever as conseqüências das coisas atuais e a filiação dos acontecimentos. Mas, muitas vezes, também é resultado de comunicações ocultas e, sobretudo neste caso, é que se pode dar aos que dela são dotados o nome de médiuns de pressentimentos, que constituem uma variedade dos médiuns inspirados.**” Os Espíritos usaram a palavra “clarividência”, numa parte da longa resposta dada à questão 402 do LE sobre a liberdade dos Espíritos durante o sono. Transcrevo o trecho aqui: “Os sonhos são efeito da emancipação da alma, que mais independente se torna pela suspensão da vida ativa e de relação. Daí uma espécie de **clarividência indefinida** que se alonga até aos mais afastados lugares e até mesmo a outros mundos. Daí também a lembrança que traz à memória acontecimentos da precedente existência ou das existências anteriores.” (grifos em negrito, meus). Portanto, a palavra “clarividência” em Espiritismo não se prende a “visão do futuro” que, por sua vez, foi designada como “mediunidade de pressentimentos”.

Embora o Autor de TM cite Kardec, e transcreva na pág. 175 uma explicação de Kardec publicada em OP sobre como um vidente poderia descrever um acontecimento futuro (capítulo intitulado “A Segunda Vista”), encontramos no capítulo anterior, intitulado “Causa e natureza da clarividência sonambúlica” explicações para clarividência que vão além da “visão do futuro”. Nesse capítulo Kardec diz: “Se procedermos por analogia, diremos que o fluido magnético, disseminado por toda a Natureza e cujos focos principais parece que são os corpos animados, **é o veículo da clarividência sonambúlica, como o fluido luminoso é o veículo das imagens** que a nossa faculdade visual percebe. Ora, assim como o fluido luminoso torna transparentes corpos que ele atravessa livremente, o fluido magnético, penetrando todos os corpos sem exceção, torna inexistentes os corpos opacos para os sonâmbulos.” (grifos em negrito, meus). Veja que essa

explicação vale para tudo o que o sonâmbulo clarividente é capaz de perceber: coisas distantes e futuro. Isso fica claro através das seguintes palavras: *“Ele vê por todo o seu ser moral, isto é, por toda a sua alma, visto que a clarividência é um dos atributos de todas as partes da alma, como a luz é um dos atributos de todas as partes do fósforo. Onde quer, pois, que a alma possa penetrar, há clarividência; essa a causa da lucidez dos sonâmbulos através de todos os corpos, sob os mais espessos envoltórios e a todas as distâncias.”*

Na pág. 170, o Autor de TM definiu a palavra “Transvidência” como “a vidência através de estruturas ou corpos opacos”. Vimos pela última citação de Kardec no parágrafo anterior, que a palavra “clarividência” se presta à vidência através de corpos opacos, também. A invenção e criação de termos e palavras para dar um ar científico ou acadêmico ao tema da mediunidade não é filosoficamente justificável.

3. No cap. VIII, intitulado “Psicofonia”, o Autor apresenta uma nova classificação para a mediunidade consciente, semiconsciente e inconsciente. O Autor batiza esses graus de consciência na mediunidade de 1º grau (pág. 208), 2º grau (pág. 209) e 3º grau (pág. 210 e 211). O Autor de TM faz isso sem citar referências, nem comentar se isso é uma proposta pessoal, se tem alguma base científica ou filosófica que justifique, para substituir a classificação que Kardec fez de médiuns mecânicos, intuitivos e semimecânicos (Cap. XV do LM).

O Autor deveria discutir a necessidade de se criar esse tipo de classificação em termos de outras Ciências (a Psicologia?) e citar, se houver, estudos atuais que possam justificar a proposta de uma nova classificação.

Uma consequência indesejada seria outros estudiosos, motivados pela presente obra, se acharem no direito de propor novas classificações pessoais, alegando que o Autor de TM não houvera justificado sua proposta.

4. Na pág. 529, o Autor de TM diz “A energia vital, como sabido, tem no duplo-etérico – constituído ao impulso do perispírito, desde o início do processo reencarnatório, – a sua principal fonte, ...”.

A questão do duplo-etérico é polêmica. Autores reconhecidos como André Luiz definem e usam o conceito de duplo-etérico. Entretanto, nas obras básicas, não há menção à existência de uma estrutura à parte do perispírito, que tenha o papel que esotéricos e espiritualistas atribuem ao duplo-etérico. Nas obras básicas, há uma única menção a essa expressão “duplo-etéreo” como sinônimo de perispírito e não como uma estrutura adicional. Essa menção está numa pergunta que Kardec fez a São Luís sobre a existência de uma matéria fluídica para cada objeto material. A questão e a resposta são reproduzidas aqui:

“Dar-se-á que a matéria inerte se desdobre? Ou que haja no mundo invisível uma matéria essencial, capaz de tomar a forma dos objetos que vemos? Numa palavra, **terão estes um duplo etéreo no mundo invisível como os homens são nele representados pelos Espíritos?** R. Não é assim que as coisas se passam. Sobre os elementos materiais disseminados por todos os pontos do espaço, na vossa atmosfera, têm os Espíritos um poder que estais longe de suspeitar. Podem, pois, eles concentrar à sua vontade esses elementos e dar-lhes a forma aparente que corresponda à dos objetos materiais.” (grifos em itálico originais, e em negrito, meus). Na pergunta, Kardec deixa claro que, para ele, o conceito de duplo-etéreo era sinônimo de Espírito, e não uma estrutura particular, uma camada do perispírito.

O que o Espiritismo ensina é a existência do princípio vital e fluido vital. O perispírito contém o fluido vital, e não há no corpo doutrinário nenhuma menção à formação de uma estrutura especial de fluido vital. Não existe, sequer, a expressão “corpo vital” dentro da Doutrina Espírita.

O duplo-etérico é também citado na nota de rodapé da pág. 719.

5. No cap. XXVIII, intitulado “Materialização”, o Autor de TM afirma na pág. 558 que “A materialização pode ser **mediúcnica** ou **extramediúcnica**.” (grifos em negrito, originais). O termo “materialização extramediúcnica” aparece novamente na pág. 574, mas só na pág. 583 ele é definido da seguinte maneira: “Na materialização extramediúcnica, ocorrência também estudada por Aksakov, Crookes e outros renomados investigadores, é o próprio espírito do médium que se corporifica, total ou parcialmente, ou produz – muitas vezes, involuntariamente – os efeitos ectoplásmicos que, afinal, resultam das próprias formas-pensamento que constrói.”

Se é o próprio Espírito do médium que se materializa ou materializa suas formas-pensamento, então o fenômeno é **anímico** e não um tipo diferente de mediunidade. Não há razão para criar-se mais um novo termo ou nome para o fenômeno. Adoção de terminologia diferenciada não torna um assunto mais científico (ver citação do artigo “Ciência Espírita” no item 1 acima, na seção III). Basta dizer que o fenômeno de materialização é anímico, próprio do Espírito do médium. Nas págs. 584 e 585, o Autor de TM utiliza o termo “automaterialização” para descrever esse tipo de fenômeno, o que reforça a ideia de que o fenômeno é anímico. Deveria, portanto, ser chamado de *materialização anímica*.

6. No cap. XXXI, intitulado “Desmaterialização – Rematerialização”, é dito no 3º parágrafo da pág. 607 que “A desmaterialização pode ser *parcial* ou *total*. Ao que parece, não se trataria de desintegração da matéria, propriamente, que, apenas, passaria a vibrar em outra dimensão, sob a sustentação do perispírito.”

Um problema é a falta de citação da explicação dada pela Doutrina Espírita que esclarece bem o assunto. No item 99 do capítulo V da 2ª parte do LM, Kardec pergunta a Erasto: “Pode um objeto ser trazido a um lugar inteiramente fechado? Numa palavra: pode o Espírito espiritualizar um objeto material, de maneira que se torne capaz de penetrar a matéria? R. É complexa esta questão. **O Espírito pode tornar invisíveis, porém, não penetráveis**, os objetos que ele transporte; **não pode quebrar a agregação da matéria**, porque **seria a destruição do objeto. Tornando este invisível, o Espírito o pode transportar quando queira** e não o libertar senão no momento oportuno, para fazê-lo aparecer.” (grifos em negrito, meus).

Note que Erasto afirma que “**não pode quebrar a agregação da matéria**” porque seria destruir o objeto. E diz que o que os Espíritos fazem é tornar o objeto invisível. Logo, não se deveria ter dito na obra TM algo como “Ao que parece”, mas sim dizer “*Segundo o Espiritismo, ...*”

O Autor não deve conhecer ou se lembrar da obra “Física Transcendental”, de Johann Karl F. Zöllner. Nela, Zöllner propõe que ao invés de serem desmaterializados e rematerializados, os objetos que sofrem esse fenômeno (aparente) passariam por uma 4ª dimensão espacial. Isso serviria de alternativa à afirmação inicial do Autor de TM de que o objeto “apenas, passaria a vibrar em outra dimensão” (embora o uso da palavra “vibrar” gera mais confusão do que esclarece).

Se tiver interesse em conhecer mais razões pelas quais o fenômeno de desmaterialização é muito mais complexo do que o que os espíritas imaginam e, assim, entender a sabedoria da justificativa dada por Erasto para os Espíritos não procederem à desmaterialização de objetos nos fenômenos de transporte, acesse o artigo “Fenômeno de transporte: Bozzano, Zöllner, a Física e o Espiritismo”, de autoria de A. F. da Fonseca, *Jornal de Estudos Espíritas* 3, 010202 (2015), Link (acesso gratuito, clique em PDF): <https://doi.org/10.22568/jee.v3.artn.010202>.

7. Nas págs. 615 e 616 de TM, ainda dentro do cap. XXXI, intitulado “Desmaterialização – Rematerialização”, é dito que “Trata-se de fenômeno cuja explicação, em sua inteireza, ainda se nos escapa. Aceitável, todavia, a hipótese de que a desmaterialização do objeto propiciaria as condições para o seu transporte através dos obstáculos. A sua rematerialização complementaria o processo.”

Essa afirmativa está em desacordo com o que Erasto explica no item 99 do LM (ver citação do item 6 acima). Essa afirmativa está em contradição com a afirmativa feita no começo do capítulo XXXI de que “Ao que parece, não se trataria de desintegração da matéria, propriamente, que, apenas, passaria a vibrar em outra dimensão, sob a sustentação do perispírito.” Além disso, essa afirmação implica em um sério problema de natureza científico explicado no seguinte artigo: *Jornal de Estudos Espíritas* 3, 010202 (2015), Link (acesso gratuito, clique em PDF): <https://doi.org/10.22568/jee.v3.artn.010202>.

8. Capítulo XXXII, intitulado “Transporte”. A questão sobre desmaterialização e rematerialização causa ainda mais confusão quando é usada no capítulo XXXII para explicar o fenômeno de transporte. O Autor de TM confunde o Leitor ora dizendo que o objeto se desmaterializa e depois rematerializa (págs. 618, 636 e 637), ora dizendo que isso não ocorre (págs. 638 e 639). Na pág. 618, por exemplo, é dito que “Corpos e objetos, desmaterializados, passam pelas portas e janelas fechadas, materializando-se depois, muitas vezes, sob plena claridade, ...” Na pág. 636 diz: “Como ocorre com outros fenômenos, o transporte, como tal, pressupondo a desmaterialização e a conseqüente rematerialização dos corpos e objetos transportados, não é, ainda, conhecido em sua intimidade.” Daí, o Autor de TM cita, nas págs. 636 e 637, André Luiz na obra *Domínios da Mediunidade*, que diz que o instrutor Áulus afirma que “... dispomos entre nós de técnicos bastante competentes para **desmaterializar os elementos físicos e reconstituí-los de imediato**, ...” (grifos em negrito feitos pelo Autor de TM). Até aqui, as citações dizem que o objeto se desmaterializa e depois rematerializa. Agora, já nas págs. 638 e 639, o Autor de TM diz: “De fato, bem plausível a hipótese de que a desmaterialização do objeto – que não significa sua desintegração, propriamente – propiciaria as condições para o seu transporte através dos obstáculos. A rematerialização restabeleceria o seu estado primitivo.”

Percebe-se, das transcrições acima, a confusão que se pode formar na cabeça do Leitor sobre o que seria desmaterialização e rematerialização. O que seria desmaterializar sem desintegrar os elementos materiais de um objeto? Isso não faz sentido. Ou desmaterializa o objeto (desintegrando-o) ou não. O correto é fazer como comentado no item 6 acima, onde o conceito de desmaterialização não deve ser vinculado ao de desintegração da matéria. Além disso, é preciso levar em conta a afirmação de Erasto de que os Espíritos **não desagregam os objetos** porque isso os destruiria (ver transcrição das palavras de Erasto no item 6 acima). Novamente, vemos o capítulo XXXII de TM inteiro **não citar nada** de Kardec ou da Doutrina! Há no cap. V da 2ª parte do LM, uma seção inteira dedicada à análise do fenômeno de transporte (de onde tiramos as afirmações de Erasto, citadas no item 6 acima). As explicações de Kardec são claras, objetivas e não deixam margem a confusões.

Do ponto de vista da Física, a desmaterialização de um objeto significaria sua desintegração. Primeiro, entendamos que, segundo a Física, a matéria não pode ser destruída, desaparecer para o nada, mas sim sofrer transformações de um tipo para outro. Isso ocorre nas reações nucleares e outras que envolvem diversas partículas subatômicas. Logo, um objeto sólido poderia ser transformado em “outra coisa” ou ter seus elementos “desmontados” isto é, suas moléculas desligadas umas das outras. Isso não seria impossível. Porém, os Espíritos teriam que ter uma capacidade que eu, particularmente, duvido que os pouco elevados (normalmente os que se prestam a fenômenos de efeitos físicos) tenham. Se trata da capacidade de armazenar (memorizar) um conjunto de trilhões de trilhões de trilhões de informações precisas a respeito da posição e velocidade de cada átomo ou molécula que compõe o objeto. Além disso, precisa encontrar um sistema físico, material, para armazenar a energia necessária para recompor o objeto posteriormente. Isso é um problema considerável que os defensores da hipótese de desmaterialização deveriam resolver antes de considerá-la verdadeira ou viável. Na minha opinião, essa é uma das razões pelas quais Erasto afirma que os Espíritos não desintegram o objeto quando realizam o fenômeno de transporte.

Assim, a hipótese da 4ª dimensão de Zöllner, mencionada nos itens 6 e 7 acima, se torna bem mais plausível como explicação para o fenômeno de transporte, pois ela não requer enorme capacidade dos

Espíritos que costuma executar fenômenos de efeitos físicos. Essa hipótese não apresenta os problemas envolvendo conceitos de desmaterialização e rematerialização.

Sobre a afirmação de Áulus, na minha opinião, ela não faz nenhum sentido. Áulus confunde ainda mais o Leitor por afirmar que existem Espíritos técnicos com competência para desmaterializar os elementos físicos e reconstituí-los de imediato. Como é a afirmativa de um Espírito, recebida através de um médium, podemos seguir a recomendação de Erasto de que *“É melhor repelir dez verdades do que admitir uma única falsidade, uma só teoria errônea”* (item 230 do LM). Assim, entre a afirmativa de Áulus e de Erasto no item 99 do LM, a recomendação da Doutrina Espírita é ficar com Erasto justamente por ter apoio da coletividade dos bons Espíritos que trabalhou na codificação. Áulus pode ter se enganado, ou mesmo pode ter havido influência do médium nessa comunicação. Aliás, Emmanuel sempre recomendou ao Chico Xavier, que ficasse com o Espiritismo quando alguma divergência surgisse.

9. O mesmo problema descrito no item 8 deve ser resolvido para com o capítulo XXXIII, intitulado “Endoporte – Exoporte”.

10. No cap. XXXVIII, intitulado “Efeitos sonoros”, na pág. 681, é dito que, “Todavia, é possível conjecturar que no caso em que efeitos sonoros produzem-se independentemente da existência de instrumentos visíveis no recinto, estes seriam trazidos semimaterializados, e mãos, também semimaterializadas, os tocariam.”

A palavra “semimaterializados” não é explicada no texto e não faz sentido por si mesma. Não existe estado intermediário entre estar materializado ou estar desmaterializado. A palavra “semimaterial”, por exemplo, é utilizada por Kardec e os Espíritos para caracterizar o tipo de matéria que compõe o perispírito, que não é nem denso e rígido como a matéria comum, nem sutil como o princípio inteligente. No LE, a palavra semimaterial aparece primeiro no item VI da Introdução e depois na pergunta 94. Na Introdução do LE é dito assim: *“O laço ou perispírito, que prende ao corpo o Espírito, é uma espécie de envoltório semimaterial.”* Logo, a palavra semimaterializado não serviria para descrever o estado de um instrumento musical (ou das mãos de Espíritos) que devem realizar fenômenos físicos, materiais, capazes de impressionar os sentidos materiais dos presentes.

Talvez o Autor tenha pretendido dizer que os objetos são parcialmente materializados. Então, nesse caso, deveria dizer isso e não usar a palavra “semimaterializados”. Os Espíritos podem produzir qualquer objeto a partir de transformações dos fluidos espirituais. No capítulo VIII da 2ª parte do LM, intitulado “Do Laboratório do Mundo Invisível”, Kardec constrói com a ajuda dos Espíritos uma teoria que explica como eles podem formar e tornar visíveis e tangíveis qualquer coisa. Kardec resume assim, no item 129 do LM:

*“o Espírito atua sobre a matéria; da matéria cósmica universal tira os elementos de que necessita para formar, a seu bel-prazer, objetos que tenham a aparência dos diversos corpos existentes na Terra. **Pode igualmente, pela ação da sua vontade, operar na matéria elementar uma transformação íntima, que lhe confira determinadas propriedades.** Esta faculdade é inerente à natureza do Espírito, que muitas vezes a exerce de modo instintivo, quando necessário, sem disso se aperceber. Os objetos que o Espírito forma, têm existência temporária, subordinada à sua vontade, ou a uma necessidade que ele experimenta. Pode fazê-los e desfazê-los livremente. **Em certos casos, esses objetos, aos olhos de pessoas vivas, podem apresentar todas as aparências da realidade, isto é, tornarem-se momentaneamente visíveis e até mesmo tangíveis.** Há formação; porém, não criação, atento que do nada o Espírito nada pode tirar.”* (grifos em negrito, meus).

Portanto, o item 129 do LM deixa claro que os Espíritos tem poder e capacidade de formar objetos incluindo conferir a eles **determinadas propriedades**. Assim como o vidro, a gelatina, o ar, e outras substâncias são incolores e transparentes, nada impede os Espíritos produzirem instrumentos musicais invisíveis, porém capazes de gerar sons materiais. Portanto, não precisa apresentar hipóteses de “semimaterialização” (que



não faz sentido) já que a Doutrina Espírita fornece subsídios para explicação do fenômeno de efeitos sonoros, mesmo na ausência de instrumentos visíveis.

11. Capítulo XLVIII, intitulado “Radiestesia”. Na pág. 713, a radiestesia é definida como “Faculdade psíquica que possibilita tanto a percepção da existência de águas subterrâneas e jazidas, como a detecção de doenças, ou, ainda a localização de pessoas e seus despojos.” Em seguida, o Autor de TM descreve o uso de objetos como uma forquilha (ver figura da pág. 716) para detecção de águas subterrâneas e pêndulos no auxílio ao diagnóstico de doenças.

Esse assunto não é espírita. É esotérico. A própria obra TM não apresenta citações e referências científicas sobre o assunto. Portanto, a radiestesia é um tema com pouco ou nenhum estudo científico conhecido (não citado na obra pelo menos), capaz de indicar a necessidade real da utilização de um pêndulo ou forquilha para realizar as percepções mencionadas. A radiestesia, na verdade, é publicamente considerada uma pseudo-ciência (ver: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Radiestesia>), e, neste link do Wikipedia, é feito o comentário sobre um trabalho de pesquisa que NÃO comprovou a radiestesia.

Do ponto de vista espírita, a radiestesia se enquadraria como uma capacidade anímica de percepções anômalas de objetos e seres. Se ela é, como definida pelo Autor de TM, uma “faculdade psíquica que possibilita” a percepção de coisas, vejamos segundo o Espiritismo como entender a capacidade que um Espírito tem de perceber coisas. O Espiritismo ensina que o Espírito percebe as coisas através do perispírito (ver item 257 do LE). Porém, na questão 455 intitulado “Resumo teórico do sonambulismo, do êxtase e da dupla vista”, no 5º parágrafo Kardec diz: “A causa da clarividência do sonâmbulo magnético e do sonâmbulo natural é exatamente a mesma: *é um atributo da alma*, uma faculdade inerente a todas as partes do ser **incorpóreo** que existe em nós, e que tem como limites apenas aqueles assinalados à própria alma.” (Grifos em itálico, originais, e em negrito, meus). Portanto, a faculdade psíquica é da alma e, como Kardec afirma, isso existe em todos nós. Os limites decorrem do grau evolutivo de cada criatura. Portanto, a faculdade psíquica que possibilita a percepção de objetos e seres, é inerente à alma, e não uma modalidade particular de mediunidade (lembrando que mediunidade depende de uma disposição orgânica do encarnado como dito no item 12 do cap. XXIV do ESE), como a obra TM faz supor. A radiestesia, para complicar, se baseia na utilização de objetos como pêndulos ou forquilhas, o que pode sugerir ao iniciante em Espiritismo, equivocadamente, a ideia de que é nesses objetos que reside alguma característica especial no processo de percepção. Como o Espiritismo ensina que nenhum objeto ou talismã tem poderes especiais sobre os Espíritos (questão 553 do LE), mesmo que se considere que o talismã tenha efeito por causa da confiança que a pessoa tem no mesmo (questão 554 do LE), a radiestesia não é uma modalidade psíquica fundamental, mas uma prática que, embora séria, se baseia na confiança que o operador sente no pêndulo ou forquilha. Como ela não funciona sempre e não funciona com algumas pessoas, conforme a pesquisa divulgada no link do Wikipedia sobre o assunto (link dado no parágrafo anterior), não é o pêndulo ou forquilha que determinam a percepção, mas sim a capacidade da alma do operador, conforme explica o Espiritismo. Na verdade, é o Espiritismo que explica o que acontece na radiestesia, assim como explica o que acontece com cartomantes, leitores de bolas de cristal, borra de café, dentre outros.

Em outro ponto de vista, a questão 628 do LE mostra que o Espiritismo fornece a chave para explicação de diversas práticas esotéricas:

*“628. Por que a verdade não foi sempre posta ao alcance de toda gente? R. Importa que cada coisa venha a seu tempo. A verdade é como a luz: o homem precisa habituar-se a ela, pouco a pouco; do contrário, fica deslumbrado. **Jamais permitiu Deus que o homem recebesse comunicações tão completas e instrutivas como as que hoje lhe são dadas.** Havia, como sabeis, na antigüidade alguns indivíduos possuidores do que eles próprios consideravam uma ciência sagrada e da qual faziam mistério para os que, aos seus olhos, eram tidos por profanos. Pelo que conheceis das leis que regem estes fenômenos, deveis compreender que esses indivíduos apenas recebiam algumas verdades esparsas, dentro de um conjunto equívoco e, na maioria dos*

casos, emblemático. Entretanto, para o estudioso, não há nenhum sistema antigo de filosofia, nenhuma tradição, nenhuma religião, que seja desprezível, pois em tudo há germens de grandes verdades que, **se bem pareçam contraditórias entre si, dispersas que se acham em meio de acessórios sem fundamento, facilmente coordenáveis se vos apresentam, graças à explicação que o Espiritismo dá de uma imensidade de coisas que até agora se vos afiguraram sem razão alguma e cuja realidade está hoje irrecusavelmente demonstrada. Não desprezeis, portanto, os objetos de estudo que esses materiais oferecem. Ricos eles são de tais objetos e podem contribuir grandemente para vossa instrução.**” (grifos em negrito, meus).

A citação acima mostra que é o Espiritismo que deve ser considerado como base para explicação de fenômenos como a radiestesia, e não o contrário.

Eder Favaro, membro da Associação de Divulgadores de Espiritismo de São Paulo, afirma que “... embora respeitáveis em suas respectivas áreas, a Radiestesia, a Cromoterapia, a TVP e outras, que não devem ser consideradas atividades do Centro.” [\[https://www.espiritualidades.com.br/Artigos/F\\_autores/FAVARO\\_Eder\\_tit\\_Fantasia\\_e\\_realidade\\_no\\_Centro\\_Espirita.htm\]](https://www.espiritualidades.com.br/Artigos/F_autores/FAVARO_Eder_tit_Fantasia_e_realidade_no_Centro_Espirita.htm), acessado em 28/03/2023].

Na pág. 716, é dito em nota de rodapé que “Considerando que toda a matéria emite radiações, é possível ao ser humano captá-las de diversos modos, inclusive, por meio dos métodos radiestésicos.” Essa afirmativa não se sustenta. A afirmação “Considerando que toda a matéria emite radiação” é baseada na Física que considera apenas radiações materiais. Essas radiações podem ser medidas através de diversos instrumentos (por exemplo, usando óculos que captam radiação infravermelha, em que é possível ver pessoas e coisas no período noturno, na escuridão, sem luz visível). Logo, como ninguém nunca demonstrou cientificamente que um pêndulo possa captar radiação emitida por objetos e seres, a afirmação da nota não tem base científica.

Na pág. 717, o Autor de TM tenta justificar o fenômeno de radiestesia dizendo que “Nesse processo, o operador, ao que parece, capta as vibrações da aura do paciente e, com os recursos ectoplásmicos que fornece, o Espírito que o dirige atua sobre o pêndulo, comandando as oscilações ou giros, ...” Com base em que o Autor pode afirmar que o fenômeno se dê dessa forma? Mas, supondo que isso seja possível, isso seria um retrocesso do fenômeno mediúnic ao que acontecia com as mesas girantes e cestas de bico. Na época de Kardec, os Espíritos buscaram simplificar o fenômeno ao máximo, sugerindo que bastava o lápis na mão do médium. Se o Espírito pode agir sobre o pêndulo, usando recursos ectoplásmicos, então é necessário que o operador seja médium de efeitos físicos ou que haja um médium de efeitos físicos à disposição, que ofereça o fluido animalizado para o fenômeno. Se é um efeito físico, e há médium disponível para fornecer fluido animalizado, o Espírito pode, ao invés de atuar sobre o pêndulo, atuar sobre outros objetos, o que não justificaria a atenção mística que é dada ao pêndulo. O Espírito, por exemplo, poderia pela escrita direta, explicar com detalhes o problema do necessitado ou prescrever-lhe algum medicamento. Se tiver conhecimento, pode usar o fluido animalizado para agir diretamente sobre o doente.

Na pág. 720, o Autor diz “Finalmente, também pode ser catalogado como mediúnico o processo de localização de pessoas ou seus restos.” Em princípio, sim, mas através de qualquer tipo de mediunidade como, por exemplo, psicografia, psicofonia, vidência, etc. Infelizmente, se o método de localizar pessoas desaparecidas ou seus restos empregar pêndulos ou outros objetos, então essa prática não difere daquela realizada por cartomantes, jogadores de búzios, leitores de borra de café, bola de cristal, etc., que embora sérios e bem intencionados, não representam práticas espíritas. Isso, portanto, não justifica a presença da radiestesia como uma modalidade ou submodalidade mediúnic.

Vejamos alguns conselhos de André Luiz e Kardec.

Na obra *Opinião Espírita*, no capítulo 25, intitulado “Práticas Estranhas”, André Luiz diz: “Muitos companheiros, sob a alegação de que todas as religiões são boas e respeitáveis, julgam que as tarefas espíritas nada perdem por aceitar a enxertia de práticas estranhas **à simplicidade que lhes vige na base**,



*lisonjeando indebitamente situações e personalidades humanas, supostas capazes de beneficiar as construções doutrinárias do Espiritismo.*” (grifos em negrito, meus). Depois acrescenta:

*“Refletamos nisso e compreenderemos que **assegurar a simplicidade dos princípios espíritas**, nas casas doutrinárias, (...), **não é fanatismo e nem rigorismo de espécie alguma**, porquanto, agir de outro modo seria o mesmo que devolver um mapa luminoso ao labirinto das sombras, após séculos de esforço e sacrifício para obtê-lo, como se também, a **pretexto de fraternidade**, fôssemos obrigados a desertar do lar para residir nas penitenciárias; a deixar o caminho certo para seguir pelo cipóal; a largar o prato saudável para ingerir a refeição deteriorada e desprezar a água potável por líquidos de salubridade suspeita.*” (Grifos em negrito, meus). Destaco, aqui, a palavra “simplicidade” que André Luiz utiliza para justificar a desnecessidade de objetos externos na prática mediúcnica.

Um importante conselho de Kardec sobre práticas estranhas e novidades está em OP (e também na RE de dezembro de 1868), no parágrafo §II, “Dos Cismas”, do capítulo intitulado “Constituição do Espiritismo”: *“Se é certo que a utopia da véspera **se torna muitas vezes a verdade do dia seguinte, deixemos que o dia seguinte realize a utopia da véspera, porém não atravanquemos a Doutrina de princípios que possam ser considerados quiméricos e fazer que a repilam os homens positivos.**”* Esse é o caso da radiestesia. Embora seus adeptos sejam pessoas sérias, aguardemos que ela possa se desenvolver como uma verdade científica, certa e prática, antes de considerarmos-la como item dentro do Espiritismo.

**12.** No final do cap. II da 2ª parte de TM, intitulado “No serviço mediúnico”, na pág. 786 é dito que: “Por último, partindo do fato de que a confiança que o paciente possa, eventualmente, depositar em um passista, abre seu psiquismo à melhor recepção dos benefícios que lhe são dispensados, não há por que impedir que procure posicionar-se como pretende, junto ao médium de sua escolha, desde que possível e nenhuma perturbação cause.”

Essa afirmação, em princípio, parece correta em si mesma. De fato, a confiança que o assistido venha a depositar no passista, favorece a recepção dos benefícios do passe. Entretanto, o assistido deve ser orientado a depositar sua confiança em Deus e nos bons Espíritos, e não sobre o passista em particular. O Espiritismo permite entender que o sucesso da fluidoterapia depende mais do assistido que do passista. Que é possível, até mesmo, passistas que não crêem nos Espíritos obterem bons resultados (questão 3 do item 176 do LM). Significativa é a passagem evangélica em que uma mulher se cura de um problema de hemorragia (S. Marcos, cap. V, vv. 25 a 34). Kardec analisa essa passagem no item 11 do capítulo XV de GE, da qual transcrevo o seguinte trecho:

*“É de notar-se que **o efeito não foi provocado por nenhum ato da vontade de Jesus**; não houve magnetização, nem imposição das mãos. Bastou a **irradiação fluídica normal** para realizar a cura. Mas, **por que essa irradiação se dirigiu para aquela mulher e não para outras pessoas**, uma vez que Jesus não pensava nela e tinha a cercá-lo a multidão? É bem simples a razão. Considerado como matéria terapêutica, o fluido tem que atingir a matéria orgânica, a fim de repará-la; pode então ser dirigido sobre o mal pela vontade do curador, ou **atraído pelo desejo ardente, pela confiança, numa palavra: pela fé do doente**. Com relação à corrente fluídica, o primeiro age como uma bomba calcante e o segundo como uma bomba aspirante.”* Essa explicação de Kardec deixa claro que, muitas vezes, a fé do assistido é bem mais importante que a vontade do passista.

Por isso é que os assistidos devem receber, também, a orientação moral cristã para se tornarem pessoas melhores.

## IV. Análise de questões científicas

1. No cap. V, intitulado “Intuição”, na seção “Intuição e telepatia”, é dito na pág. 104 que “Hoje, graças ao trabalho desses e de outros dedicados cientistas, no mundo todo, o fenômeno telepático credencia-se como uma realidade cientificamente comprovada.”

Embora as diversas citações feitas pelo Autor no referido capítulo, o tema é ainda controverso cientificamente. Não se pode, ainda, dizer que a telepatia é fenômeno comprovado e aceito nos meios científicos e acadêmicos ortodoxos. Isso não desmerece os trabalhos citados, mas precisamos dar mais tempo à Ciência. Afirmativa semelhante é feita na pág. 122.

2. No cap. V, “Intuição”, dentro da seção “Intuição e telepatia”, nas páginas de 122 a 124, o Autor apresenta uma hipótese científica de que o processo de telepatia poderia se dar de modo instantâneo, sincronizado, de acordo com teorias da Física Quântica para o fenômeno conhecido como *não-localidade*. Embora a boa intenção, faltou apresentar nesse capítulo o mesmo rigor com o qual a análise sobre a hipótese do pensamento ser um fenômeno eletromagnético foi feita nas páginas de 110 e 113. As razões para a telepatia não ser um fenômeno não-local é explicado no artigo “A Transmissão do Pensamento é um Fenômeno Não-Local?” de autoria de A. F. da Fonseca, *Jornal de Estudos Espíritas* 2, 010302 (2014), Link (acesso gratuito, clique em PDF): <https://doi.org/10.22568/jee.v2.artn.010302>.

3. Kirliangrafia. Há várias citações no livro a respeito da Kirliangrafia, ou foto Kirlian, como capaz de mostrar imagens do perispírito ou coisas espirituais. Na verdade, infelizmente, não há comprovação científica do fenômeno que não passa do chamado *efeito corona*. Links para mais informações: [[http://en.wikipedia.org/wiki/Kirlian\\_photography](http://en.wikipedia.org/wiki/Kirlian_photography)] [[http://en.wikipedia.org/wiki/Corona\\_discharge](http://en.wikipedia.org/wiki/Corona_discharge)]. Também não há comprovação por parte de grupos espiritualistas. A seguir enumero onde na obra TM a foto Kirlian é mencionada:

No cap. VI, intitulado “Vidência”, na pág. 142, o Autor descreve o fenômeno conhecido como Kirliangrafia. Não há relação entre conceitos de vidência e Kirliangrafia.

A Kirliangrafia também é citada no cap. XXIII, intitulado “Fotografia Transcendente”, na pág. 454. Entretanto, pelas razões acima, as fotos Kirlian não servem de exemplos de comprovação de fotografias transcendentais.

Na pág. 510, há uma nota (número 17) dizendo que “Na **kirliangrafia**, como se sabe, o registro dos sinais de desequilíbrio perispirítico, antecipadores de eclosão patológica, aparece, às vezes, bem visível na projeção da aura.” (Grifo em negrito, original). Na verdade, a kirliangrafia não comprova nada a respeito do perispírito e seus desequilíbrios.

Nas págs. 527 e 528 a kirliangrafia também é mencionada com afirmações de comprovação. Há até uma figura na página 528. A figura não passa de efeito corona.

4. No cap. VII, intitulado “Audiência”, é feito o seguinte comentário no 3º parágrafo da pág. 191: “Videntes e audientes são tidos como portadores de transtornos psicológicos graves, inclusive de caráter esquizofrênico, ...”. Já a alguns anos, a mediunidade não é mais considerada um estado patológico segundo a Psiquiatria. Ver, por exemplo, o artigo do link: <http://saudementaleespiritismo.wordpress.com/category/cid-10-inclui-influencia-dos-espirtos/>

5. No cap. XIII, intitulado “Aspectos Neurofisiológicos do processo mediúnico”, na pág. 303 é dito que “Por exemplo, resta, hoje, bem comprovada, a influência que um campo eletromagnético pode exercer sobre a fisiologia pineal.” Acho que a expressão “bem comprovada” é muito forte. Precisa citar várias referências que atestem o fenômeno.

6. Nas págs. 308, e de 318 a 322, são feitas afirmativas que requerem uma análise de especialista.

7. No cap. XIV, intitulado “Ectoplasma”, nas págs. 335 e 336 é apresentada uma hipótese do Dr. Hernani G. Andrade para o efeito da luz sobre os fluidos animalizados, comumente chamados de ectoplasmas. Essa explicação **está errada** porque pretende explicar o efeito de desagregação do fluido animalizado através do chamado efeito fotoelétrico. Na Física, esse efeito consiste simplesmente de desprender elétrons de um material através da incidência de luz de determinada frequência. Esse efeito não causa desagregação da matéria e não explicaria o fenômeno de sensibilidade do ectoplasma perante a luz.

8. No cap. XIV, intitulado “Ectoplasma”, na pág. 340, falando do ectoplasma é dito que “Em condições específicas de adensamento, apresentar-se-ia como condutor do magnetismo e da própria eletricidade.” O Autor, entretanto, não cita a fonte dessa informação. Não se sabe de fontes científicas a respeito disso.

9. No cap. XXII, intitulado “Transcomunicação Instrumental”, nas págs. 424 e 425 é citado com destaque que “Carlos Luz demonstrou, eletronicamente, existir uma ostensiva diferença entre a voz do Espírito, ..., e a voz da pessoa encarnada, comprovando, assim, definitivamente, a autenticidade da comunicação vocal dos Espíritos.” Foi dito no parágrafo seguinte que: “As pesquisas do Professor Carlos Luz apresentadas em Congresso alcançaram, naturalmente, grande repercussão internacional, ...”

Afirmações de comprovação são muito fortes para não serem apresentadas com as devidas referências para o Leitor verificá-las. É necessário fornecer onde foi publicado o estudo, e onde foram publicados as referências que atestem a “grande repercussão internacional”. Só afirmar não adianta.

10. Na pág. 478, a nota de rodapé número 4 diz “Relatos há, na literatura espírita, de casos em que o Espírito, em processo de zoantropia (voluntária ou não), faz com que o médium assuma a aparência de um animal. (Estaria, aí, talvez, a fonte da origem da conhecida lenda do lobisomem...)” O problema aqui é a falta de citação de referências. Que obras da literatura espírita apresenta tais relatos? Seriam mesmo espíritas?

11. Na pág. 513 há uma nota sobre a pessoa quem criou a palavra magnetismo. Falta, entretanto, a referência dessa informação.

12. Na pág. 526 são citadas referências a respeito de um trabalho de pesquisa de Harold Saxton Burr. Seu trabalho consiste de medidas de potencial elétrico em seres vivos em estágios iniciais, embrionários de vida. Embora o assunto seja interessante, não há registro de reprodução desses estudos na atualidade. É importante observar que Burr utilizou instrumentos **muito rudimentares** em suas medidas, cuja *barra de erros ou incertezas* (é assim que se chama o grau de precisão dos instrumentos) são muito grandes para fazer conclusões. Nos dias de hoje, os instrumentos de medida são tão precisos que as experiências de Burr poderiam ser reproduzidas com muito maior precisão. No entanto, não há registros sequer da tentativa de

reproduzir os resultados de suas pesquisas. Portanto, essas citações não possuem confiança. Na dúvida, é melhor não se comprometer. De fato, elas são prescindíveis para análise da mediunidade.

**13.** Na pág. 689, experiências com sementes que germinaram instantaneamente sob ação fluídica são mencionadas sem a referência.

**14.** No cap. XLV, intitulado “Fenômenos Eletroeletrônicos”, é dito na pág. 705 que “pessoas há que, por suas qualidades magnéticas e ectoplásmicas, chegam a ser denominadas “pessoas elétricas”, por transmitirem verdadeiros choques elétricos em quem tocam...”

Notei a falta de uma nota esclarecendo que não se deve confundir isso com os choques elétricos devido ao acúmulo de eletricidade estática que ocorre nos períodos em que o ar está mais seco, em geral, no inverno.

**15.** No cap. III da 2ª parte da obra TM, na pág. 794 é dito que “A obsessão é fenômeno dos mais complexos e, na verdade, ainda é cedo para que se alcancem conclusões que digam com todos os seus aspectos, embora a literatura espírita já mostre importantes trabalhos a respeito, todos de inegável valor científico.” Senti falta de referências a respeito de, pelo menos, alguns desses trabalhos com valor científico.

## V. Erros de digitação ou impressão

**1.** Pág. 102, falta o ponto final na última frase.

**2.** Na pág. 302, a figura de um cérebro está borrada, quase ilegível e o desenho não permite visualizar a Pineal. O preço da obra não condiz com a qualidade dessa figura.

**3.** Na pág. 357 é feita uma nota de rodapé logo após a palavra *tiptologia*. Entretanto essa nota de rodapé se refere ao caso do esqueleto do mascate que fora assassinado na casa das irmãs Fox. Acho que houve erro de digitação e essa nota deveria ter sido colocada em páginas anteriores, (de 350 a 355) e não na pág. 357.

**4.** Na pág. 381, na definição da palavra pneumatografia, foi usado o termo “logia” e não “grafia”. Verificar e corrigir.

**5.** Na pág. 679, na frase “Na mesma obra, o notável médium refere-e a uma ...” Acho que a palavra sublinhada deveria ser “refere-se”.

**6.** Na pág. 821, a abreviação das iniciais do médium Carlos Baccelli está errada. Não é “Carlos A. A.”, mas “Carlos A. B.”